

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

2 Dez 2016
21:00 Sala Suggia

Otto Tausk *direcção musical*
Afonso Fesch *violino*



1ª PARTE

Johannes Brahms

Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 77 (1878; c.40min.)

1. *Allegro non troppo*
2. *Adagio*
3. *Allegro giocoso, ma non troppo vivace*



2ª PARTE

Johannes Brahms

Sinfonia n.º 3 em Fá maior, op. 90 (1883; c.35min.)

1. *Allegro con brio*
2. *Andante*
3. *Poco allegretto*
4. *Allegro*



casa da música



Maestro Otto Tausk
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/193559477>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESCO
RESCO

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Johannes Brahms

HAMBURGO, 7 DE MAIO DE 1833

VIENA, 3 DE ABRIL DE 1897

Em 1933, no centenário do nascimento de Johannes Brahms, o compositor vienense Arnold Schoenberg dava uma conferência cujo título – “*Brahms, o progressivo*” – anunciava, sem margem para dúvidas, a defesa do carácter inovador da obra do compositor. Dava-se, assim, início a uma nova leitura do percurso de Brahms que, durante largas décadas, havia sido associado à facção conservadora e anti-wagneriana do debate em torno da música romântica: a fidelidade à tradição não corresponderia meramente a uma “aceitação passiva e acrítica desta” procurando, pelo contrário, novos recursos no seu seio que se inseririam no âmbito das linguagens modernas em vigor, defendia Schoenberg. A sua obra viria, de facto, a constituir um forte legado para as gerações associadas às primeiras manifestações de modernismo musical: é de evidenciar a repercussão da música de Brahms em compositores como Paul Hindemith, Edward Elgar, Alexander von Zemlinsky ou o já mencionado Schoenberg.

Contudo, já no século XIX, a polémica entre os “músicos do futuro” e os chamados “tradicionalistas” tinha tido em Brahms um dos seus protagonistas, de forma mais ou menos involuntária. O seu papel como anti-wagneriano foi enfatizado graças à acção de Eduard Hanslick, crítico e professor de História da Música que, na sua radical crítica à “estética do sentimento” do Romantismo, propunha uma arte musical autónoma de elementos extra-musicais e elegia como exemplo a música de Brahms. De facto, a preferência de Brahms pela música absoluta, uma necessidade já sentida em alguns dos compositores da primeira geração romântica

(entre os quais Robert Schumann, compositor que teve um papel incontornável na experiência artística e biográfica de Brahms), parecia contrastar radicalmente com o ideal de fusão das artes de Richard Wagner, com a música programática de Franz Liszt ou com a estética de Hugo Wolf. Neste sentido, também o facto de Brahms se dedicar intensivamente à música de câmara, género pouco habitual nos catálogos dos compositores românticos depois da geração de Franz Schubert e Schumann, parecia ligá-lo mais ao “passado” do que à música então considerada “moderna”. Os “defensores da tradição” sublinhavam a importância da música “pura”, “absoluta”, “autónoma” e “independente” de quaisquer elementos externos, assumindo a necessidade de perpetuar as formas clássicas tradicionais como é o caso da Sinfonia e do Concerto. As polémicas entre as duas facções atingiram o seu auge nos finais da década de 1850, e estavam particularmente presentes nas inúmeras discussões tidas nas páginas dos periódicos de então, entre os quais a *Neue Zeitschrift für Musik*, revista fundada por Robert Schumann mas agora dirigida por Franz Brendel, um dos maiores defensores das tendências modernas. Um artigo publicado em 1860, onde se afirmava que todos os maiores compositores da época estavam a favor da chamada “nova escola alemã”, provocou a tomada de posição pública que terá participado na atribuição a Brahms do estatuto de representante da facção dos conservadores.

A música de Johannes Brahms tem sido, assim, apontada como uma síntese da herança de Ludwig van Beethoven e de Schubert no domínio da música orquestral e camerística; do legado schumaniano e schubertiano ao nível da composição de *Lieder* e de música para piano; da linguagem de Bach e do contraponto barroco transversalmente na sua obra e, mais

especificamente, na sua música coral; e, finalmente, da intrincada linguagem harmónica do século XIX.

Filho de Johanna Henrika Christiane Nissen e de Johann Jakob Brahms, contrabaixista e trompista, que assumiria funções no *Stadttheater* e na Sociedade Filarmónica de Hamburgo, Johannes Brahms viu o seu talento ser estimulado desde cedo por uma formação musical atenta. Aluno de piano de Otto Friedrich Willibald Cossel e de composição de Eduard Marxsen, aos dez anos interpretava obras de Johann Sebastian Bach, Sigismund Thalberg e Beethoven no seu primeiro concerto público. Ainda na sua juventude, partiu em tournée com o violinista húngaro Eduard Reményi através do qual entraria em contacto, em Göttingen, com o violinista Joseph Joachim, com os compositores Franz Liszt e Robert Schumann, bem como com a pianista Clara Schumann, figuras que viriam a ser marcantes no seu trajecto biográfico. Os seus interesses de juventude, na linha do gosto romântico da época, passaram pela literatura de Jean Paul e E.T.A. Hoffmann, e pela poesia de Joseph von Eichendorff, Heinrich Heine e Emanuel Geibel, patente de forma abundante nos seus *Lieder*. O seu gosto pelo folclore, cultivado desde sempre, abarcava tanto a vertente literária (incluindo contos e poesia) como a vertente musical, sendo marcantes no seu trabalho a citação e a inspiração popular.

Em 1853, Robert e Clara Schumann recebem Johannes Brahms na sua casa de Düsseldorf e com ele manteriam uma relação de íntima amizade durante toda a vida. De facto, o compositor viveria entre a casa dos Schumann e a casa do violinista Joseph Joachim até 1856, altura da morte de Robert Schumann. A partir da sua mudança para

Viena, nos primeiros anos da década de 1860, Brahms dedicar-se-á, cada vez mais, à composição, vivendo das edições das suas obras, de concertos e de recitais, numa dinâmica favorecida também pela difusão tipicamente oitocentista do concerto público. De 1872 a 1875, será inclusivamente director dos concertos da *Gesellschaft der Musikfreunde* (“Sociedade dos Amigos da Música”) de Viena onde dirige as suas composições, mas também obras de compositores barrocos como Heinrich Schütz ou Johann Sebastian Bach, ou dos seus coetâneos oitocentistas como Beethoven, Schubert, Mendelssohn, Schumann ou Max Bruch.

A estreia da sua primeira sinfonia, em 1876, dar-lhe-á, por fim, o epíteto de continuador da tradição beethoveniana, que Brahms reverentemente admirava. A partir de 1878, embarca numa série de viagens como pianista e director orquestral nas quais apresenta, sobretudo, as suas próprias obras. Viaja pelas principais cidades alemãs, pelos Países Baixos, Suíça, Boémia, Hungria, Polónia, vendo a sua obra ser difundida pelo continente europeu, incluindo Inglaterra, bem como pelos Estados Unidos. Na última fase da sua vida, quando parecia ter-se já retirado das actividades composicionais, volta ainda com um fôlego de entusiasmo ao conhecer o clarinetista Richard Mühlfeld, para o qual escreve ainda algumas das suas mais interessantes páginas.

Dois concertos e duas aberturas interrompem a meio a sequência de composição das quatro sinfonias de Brahms, género a que se dedica já numa fase de maturidade pessoal e artística. Seguindo a sua Sinfonia n.º 2, o **Concerto para violino, op. 77** desenvolve-se igualmente sobre a tonalidade de Ré maior, numa continuidade que não se afigura como casual. Composto em 1878, o Concerto para

violino começou a ser esboçado nos meses de Verão, no Lago Wörther, em Portschach (Áustria), tendo sido terminado no Outono e revisto durante o ano seguinte. A estreia teve lugar em concerto de Ano Novo, a 1 de Janeiro de 1879, sob a direcção do próprio Brahms e com o dedicatário da obra, o violinista Joseph Joachim, como solista perante a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig (num concerto em cuja primeira parte figurava o Concerto para violino de Beethoven, numa assumida linha de continuidade histórica). Joachim, de resto, havia tido um importante papel na composição do concerto, familiarizando Brahms com as muitas especificidades da escrita para violino e dialogando com o compositor sobre as melhores soluções técnicas para a obra. Correções e alterações na partitura, tanto ao nível da linha do violino como da orquestração, foram discutidas meticulosamente, como o comprova o extenso epistolário mantido entre os dois. Admirador e amigo próximo do compositor, Joseph Joachim, que era já um violinista de renome, acabaria por estar, ao longo da sua vida, intimamente ligado à promoção e estreia de muitas das obras de Brahms.

O concerto assenta na tradicional sequência de três andamentos, rápido-lento-rápido (Ré maior – Fá maior – Ré maior). A arquitectura robusta da vocação sinfónica de Brahms paraleliza, aqui, com a sua mestria na escrita melódica de *Lieder* através de um lirismo que domina toda a obra.

A exposição orquestral do primeiro andamento, *Allegro non troppo*, apresenta o primeiro tema nas cordas e nos fagotes, numa introdução orquestral alargada, seguindo-se uma série de cromatismos que conduzem à entrada do violino que, ao contrário do esperado, surge sobre a tonalidade de Ré menor,

numa passagem que se assemelha a uma *quasi-cadenza*. O tema seguinte, de carácter lírico, é partilhado com a orquestra. Na *cadenza* da recapitulação, o solista será chamado a “improvisar”, sendo este um dos últimos concertos da história da música ocidental com esta característica. Hoje é comum ser usada a *cadenza* de Joseph Joachim, o que acontece também no concerto desta noite. O *Adagio* é marcante pela melodia do oboé que, em conjunto com os restantes sopros, confere a este andamento um ambiente de profunda serenidade, em jeito pastoral. O andamento final, *Allegro giocoso, ma non troppo vivace*, em *style hongrois* (sob inspiração da música cigana, muito popular no tempo de Brahms), trata-se de uma das páginas mais virtuosas do compositor e reflecte vitalidade rítmica e exuberância melódica. Uma longa e dramática *coda*, partilhada entre a orquestra e o solista de forma enérgica, termina num entusiástico registo *forte*.

A já referida relação desenvolvida por Brahms com os cânones musicais da tradição ocidental, uma atitude considerada conservadora e tradicionalista na sua época, apresenta-se, na verdade, como um dos aspectos mais modernos da sua música. Garante uma continuidade entre passado e futuro: sobre as formas convencionais desenvolvem-se novas sensibilidades e novas explorações estruturais e harmónicas; e permite a compreensão de que, através do trabalho de (re)interpretação da tradição, Brahms redescobre e reinventa as possibilidades de renovação da linguagem musical. Nesta perspectiva, afigura-se-nos como central a **Sinfonia n.º 3 em Fá maior, op. 90**, onde a construção de arquitecturas formais “perfeitas” e coesas se poderia interpretar como uma procura de racionalização do

“irrequieto”, “mutável” e “contraditório” Romantismo que percorre a obra.

Brahms terá escrito a sua Sinfonia n.º 3 em 1883, quando contava cinquenta anos, num Verão passado na cidade de Wiesbaden, junto ao vale do Reno. A estreia da obra teve lugar na capital austríaca, a 2 de Dezembro de 1883, sob a batuta de Hans Richter que dirigiu a Orquestra Filarmónica de Viena com enorme sucesso: Richter considerá-la-ia, inclusivamente, como a “Heróica” de Brahms.

Sendo a mais curta e compacta das quatro sinfonias do compositor, a Sinfonia n.º 3 assenta numa ideia de coesão e intensidade: três dos quatro andamentos assumem a forma-sonata; o tempo é idêntico em todos os andamentos, excepto no último; o *motto* temático que abre e enforma a sinfonia retorna decididamente fechando o círculo na sequência final do último andamento; a sucessiva justaposição entre Fá maior e Fá menor apresenta-se como dispositivo recorrente; os quatro andamentos são equilibrados em termos de duração e apontam para o cuidado com as proporções.

O primeiro andamento (*Allegro con brio*) e o andamento final (*Allegro*) apresentam-se na tónica (Fá), enquanto os dois andamentos centrais (o *Andante*, de carácter elegíaco e de enorme expressividade, e o *Poco allegretto*, de carácter introspectivo e melancólico) assentam na dominante (Dó). De certa maneira, é como se a tensão harmónica entre os andamentos extremos e os dois andamentos centrais, remetesse para a sugestão de uma forma-sonata alargada ao longo de toda a obra. Contudo, a ambiguidade tonal é assumida, afirmando-se desde os primeiros compassos do *Allegro con brio* inicial, quando é apresentado o *motto* (fá – lá bemol – fá) que percorrerá todo o andamento e aparecerá mais uma vez no *Finale* (segundo

o estilo brahmsiano de tirar o maior partido de material bastante sintético, técnica que encontramos também nas suas outras obras sinfónicas). O andamento deveria ser em Fá maior mas o *motto*, de apenas 3 notas, desemboca na consequência harmónica de a nota central nos remeter, dubiamente, para o modo menor. Esta ambiguidade está presente em todo o primeiro andamento, caracterizado por modulações inesperadas. A expressão “*Frei aber froh*” (“livre, mas alegre”), frequentemente usada por Brahms, tem sido apontada como inspiradora do motivo melódico subjacente à obra (F-A-F, segundo a terminologia musical germânica, ou seja, fá – lá – fá).

O início do *Andante* que constitui o segundo andamento apresenta-se em jeito de coral nas madeiras e o seu tema reaparecerá, delicadamente, a fechar a secção. Estando também aqui presente o “*motto*” da obra, este andamento é igualmente caracterizado pela ambiguidade harmónica maior-menor. O terceiro andamento, *Poco allegretto*, em Dó menor, revela-se uma melancólica “dança” em ritmo ternário, e o seu enorme sucesso resultaria na sua repetição frequente como *encore* nos concertos do compositor. A figura recorrente de três notas é aqui encontrada no acompanhamento e o andamento termina com acordes em *pizzicato* nas cordas, sobre madeiras em destaque. O *Allegro* final assenta em Fá menor, e o habitual desenrolar resolutivo das tensões acumuladas ao longo da sinfonia é adiado até à *coda*, que invulgarmente terminará a obra num sereno *pianissimo*.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2016

Otto Tausk *direcção musical*

Como Director Musical da Orquestra Sinfónica e Ópera do Teatro de St. Gallen, Otto Tausk conquistou a aclamação da crítica pelo nível admirável a que conseguiu elevar os seus músicos e cantores. É um músico muito respeitado na Holanda, de onde é natural e onde trabalhou com todas as principais orquestras e compositores. A sua técnica e conhecimento, imbuídos da energia e carisma musical que transporta para junto dos músicos, é absolutamente contagiante.

Na temporada de 2016/17 em St. Gallen, Otto Tausk estará no fosso de orquestra dirigindo produções de *Lohengrin* e a estreia mundial de *Annas Maske* do compositor suíço David Philip Hefti. Entre os momentos altos das temporadas recentes inclui-se a direcção da estreia suíça de *Written on Skin* de George Benjamin, *Die Tote Stadt* de Korngold e ainda *Don Giovanni*, *O Rapto do Serralho*, *Eugene Onegin*, *Westside Story* e *Ariadne*.

Ao longo da temporada, prossegue as colaborações como convidado da Orquestra Sinfónica BBC do País de Gales e da Sinfónica de Vancouver, em ambos os casos com o violinista Simon Lamsma, e com a Sinfónica e Coro da Tasmânia (*A Criação* de Haydn). Dirige a Nona Sinfonia de Beethoven em programas da Orquestra da Tonhalle de St. Gallen e da Filarmónica de Estugarda. Apresenta-se ainda com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Filarmónica de Dortmund, e encerra a temporada de 2016/17 em St. Gallen com outra obra coral, a Missa em Mi menor de Alfredo Catalani com o Coro Filarmónico de Praga.

Em 2013 gravou o disco *Alphons Diepenbrock: Orchestral Songs*, para a etiqueta CPO (com a Orquestra de St. Gallen e

o solista Hans Christoph Begemann), e em 2011 foram editados os *Orchesterlieder* de Hans Pfitzner, com Tausk a dirigir a Filarmónica do Noroeste da Alemanha. Esta gravação foi apreciada internacionalmente e mereceu o “Choc du mois” da revista francesa *Classica*.

Em 2011 foi-lhe atribuído o Prémio Olifant pela Cidade de Haarlem, em reconhecimento da sua contribuição para as Artes na Holanda, particularmente enquanto Director Musical da Holland Symfonia entre 2007 e 2012.

Otto Tausk nasceu em Utrecht, estudou violino com Viktor Liberman e Istvan Parkanyi, e direcção de orquestra com Jurjen Hempel e Kenneth Montgomery. Prosseguiu os estudos com o maestro e professor lituano Jonas Aleksa no Conservatório de Vilnius, uma fase que o influenciou profundamente. Entre 2004 e 2006, foi maestro assistente de Valery Gergiev na Filarmónica de Roterdão. Após este período, foi convidado para trabalhar com a Orquestra do Teatro Mariinski e com a Filarmónica de Roterdão.

Afonso Fesch *violino*

Nascido no Porto, Afonso Fesch iniciou os estudos musicais na Escola de Música Pedro Fesch na classe de João Paz. Durante a sua formação estudou com Yossif Grinman, Gerardo Ribeiro, Pavel Vernikov e Dora Schwarzberg. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou com Ivry Gitlis em Paris entre 2008 e 2010. Em 2010, concluiu com a classificação máxima a Licenciatura na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo no Porto, na classe de Zofia Wóycicka. Em 2012, concluiu o Mestrado em Performance Musical na Hochschule für Musik Basel na classe de Raphaël Oleg (1º prémio no Concurso Tchaikovski de Moscovo, 1986) com distinção máxima, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Apresentou-se como solista ou músico de câmara em festivais tais como o Stift Festival em Oldenzaal (Holanda); Harmos Festival na Casa da Música (Porto); Podium Festival em Esslingen (Alemanha); Norwegian Youth Chamber Music Festival em Stavanger (Noruega), entre outros.

A convite do maestro e director artístico Yoel Gamzou, ocupou o cargo de concertino da Orquestra Internacional Mahler, sediada na Philharmonie de Berlim, entre 2008 e 2014. Trabalhou com maestros como Krzysztof Penderecki, Alan Buribayev, Jonathan Nott, Peter Rundel, Yoel Gamzou e Heinz Holliger. Teve ainda o privilégio de tocar com artistas como Elisha Abas, Emmanuel Pahud, Guy Braunstein, Roland Glassl, François Benda, Silvia Simonescu, Anton Kernjak, Delphine Lizé e Ivry Gitlis, entre outros. Apresentou-se a solo com orquestras como a Sinfónica de Hamburgo, Nova Filarmónica de Munique, Orquestra de Kassel, Sinfónica da Basileia,

Orquestra Internacional Mahler e Filarmónica de Estugarda, entre outras. Tocou em salas como a Philharmonie de Berlim, Konzerthaus de Viena, Philharmonie de Colónia, Laeiszhalle de Hamburgo, Stadthalle de Kassel, Herkulesaal de Munique, Liederhalle de Estugarda, Catedral de Aachen, Câmara de Hamburgo, Casa da Música, Teatro Central de Leipzig, Sala Shenzhen na China, Stadtcasino da Basileia, KKL em Lucerna, entre outras.

Gravou a obra *Mysteriendramen* (quinteto de cordas, voz branca, flauta e percussão) de Elmar Lampson para a editora Col legno. Foi-lhe dedicado o Concerto para violino e orquestra pelo mesmo compositor, estreado em Março de 2014 com a Orquestra de Kassel. Os seus projectos futuros englobam concertos a solo com a Orchestre des Jeunes de Fribourg, assim como a temporada com o agrupamento Musique des Lumières em Basileia e com o Hermes Ensemble, do qual é membro fundador. É actualmente professor de violino e música de câmara na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo no Porto.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se juntam em 2016 os nomes de George Aperghis e Heinz Holliger.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid,

Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

David Stewart*
Radu Ungureanu
Ianina Khmelik
Maria Kagan
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Andras Burai
José Despujols
Tünde Hadadi
Roumiana Badeva
Evandra Gonçalves
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Mariana Costa
Paul Almond
Domingos Lopes
Vítor Teixeira
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*
José Sentieiro
Clara Badia Campos*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Emília Alves
Hazel Veitch
Theo Ellegiers
Luís Norberto Silva
Jean Loup Lecomte

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranossyan
Oxana Chvets*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi
Slawomir Marzec
Augustinas Treznickas*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*

Fagote

Gavin Hill
Pedro Miguel Silva
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tímpanos

Jean-François Lézé

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AGEAS PORTUGAL,

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCHS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

LUCIOS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MDS Global Insurance
& Risk Consultants

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

OSMAE

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**